

Um número especial e esquecido da *Revista do Brasil*

Robert Wegner

Robert Wegner

é pesquisador da COC/Fiocruz, docente do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde e professor do Departamento de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

E-mail: robertwegnercoc@gmail.com

I

Foi com muito gosto que aceitei o convite para apresentar este número especial da *Revista do Brasil*, dedicado a Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) e publicado originalmente em julho de 1987. De imediato comentei com Cristina Buarque de Hollanda que, no início da década de 1990, este volume foi fundamental para despertar o meu interesse em estudar a trajetória e a obra do autor homenageado. Havia lido *Revista do Brasil* (1936) há não muito tempo e, começando a me interessar pela obra do historiador, Ricardo Benzaquen de Araújo, então meu orientador na Pós-Graduação no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, me emprestou um exemplar da revista para que eu conhecesse um pouco mais sobre a trajetória de Sérgio Buarque de Holanda. A leitura foi para mim uma revelação da riqueza do universo intelectual do autor, de que até então sequer suspeitava. Acredito que, mais do que puramente idiossincrático, este relato pessoal revela um pouco o contexto dos estudos do pensamento social no Brasil, em geral, e da obra de Sérgio Buarque de Holanda, em particular, há quase trinta anos atrás.

O número não se referia a nenhuma efeméride. Não era centenário de nascimento do autor, longe disso. Já havia passado o ano para se comemorar os cinquenta anos de *Revista do Brasil* e o autor havia morrido não há muito, cinco anos antes. Mais do que uma data específica, Sérgio Buarque de Holanda havia sido o nome escolhido para iniciar uma série da revista “destinada a revalorizar figuras que efetivamente contribuíram para o desenvolvimento cultural e artístico da nossa terra e da nossa gente” (p.4), conforme o texto de apresentação, sem autoria explícita, anunciava. É importante refletir sobre o significado desta afirmação no ano de 1987, bem como o da própria republicação da *Revista do Brasil* na década de 1980.

II

Este número faz parte da última fase da *Revista do Brasil*, que fora criada em 1914. Como observa Tania Regina de Luca, estudiosa da revista, “não se pode desconsiderar que a publicação circulou em diferentes momentos e sob a batuta de vários editores, que travaram lutas específicas ao longo de suas páginas” (LUCA, 2011: 7). Vale à pena retomar rapidamente a longa história da revista. Como lembra a mesma autora,

a ideia original do lançamento coube a Júlio de Mesquita, o proprietário do jornal *O Estado de S. Paulo*, que se manteve à frente da publicação até maio de 1918, quando passou às mãos de Monteiro Lobato, que editou sem interrupções até a falência dos seus negócios, em 1925, totalizando 113 números. A chancela foi adquirida por Assis Chateaubriand, que a relançou em três oportunidades: de 1926 a 1927 (segunda fase, dez números); de 1938 a 1943 (terceira fase, 56 números) e em 1944 (quarta fase, três números) (LUCA, 2011: 7).

Deste modo, tratamos de um número relativo à quinta fase da revista, fruto do seu ressurgimento proposto por Darcy Ribeiro, em 1984, em meio ao processo de redemocratização e fim do regime militar. Vale lembrar que, eleito em 1982 pelo PDT, ao

lado de Leonel Brizola, Darcy Ribeiro era vice-governador do estado do Rio de Janeiro e respondia, conjuntamente, pela Secretaria Estadual de Ciência e Cultura. Como sugere Tania de Luca, “os ventos renovadores que sopravam, a expectativa gerada pela Assembleia Constituinte, a necessidade de refletir sobre o passado e acertar o passo para o futuro convidavam à reflexão” (LUCA, 2011: 339). Assim, prossegue a autora, “é significativo que um dos intelectuais mais importantes do país, investido de funções públicas adotasse como parte de seu projeto cultural o relançamento de uma revista que, mais uma vez, tinha a missão de discutir as grandes questões nacionais” (LUCA, 2011: 339).

285

Outro intelectual envolvido na publicação da *Revista do Brasil*, nesta fase, era Gerardo Mello Mourão, então Secretário da Cultura do Município do Rio de Janeiro e presidente do Instituto Municipal de Arte e Cultura (RIOARTE). Vale lembrar que, neste período, a prefeitura era igualmente governada pelo PDT, primeiro, entre 1982 e 1985, pela nomeação por parte do governador – Marcelo Alencar fora o escolhido – e, a partir de 1986, com a posse de Roberto Saturnino Braga, como prefeito eleito. Assim, governo estadual e prefeitura municipal se aliavam na publicação da revista, com os números editados conjuntamente pela Secretaria de Ciência e Cultura do Estado do Rio de Janeiro, gerida por Darcy Ribeiro, e pelo Instituto Municipal de Arte e Cultura (RIOARTE), presidido por Mello Mourão. Segundo o depoimento do poeta,

[d]urante nove anos, mantive um intenso e às vezes apaixonado convívio de trabalho diário com Darcy Ribeiro. Ele mesmo achava que nenhum outro de nossos parceiros de trabalho dava um *full time* tão ininterrupto aos projetos culturais que o ocuparam na Secretaria de Cultura do Estado, geralmente gerados, executados e financiados no âmbito municipal, que dirigi por mais de oito anos, como presidente da autarquia municipal de cultura, Rio-Arte, como fundador e presidente da Fundação Rio e como secretário de Cultura do Rio de Janeiro – órgãos mais instrumentados de recursos financeiros e humanos que a pobre secretaria estadual que ele dirigia. (MOURÃO, 1997)

Nestas condições, foram publicados cinco números, e, ainda neste período, segundo Tania de Luca, “mudanças significativas ocorreram no quinto número, editado em 1986: a revista assumiu caráter monográfico e foi toda consagrada à literatura nos anos 1980, com apresentação de Heloísa Buarque de Holanda” (LUCA, 2011: 340). É curioso notar, no entanto, que, na sequência do seu relato histórico, Tania de Luca considera haver uma interrupção na publicação da *Revista do Brasil* no ano de 1987, que retornaria apenas no ano seguinte já sob a nova coordenação do historiador Francisco de Assis Barbosa, em substituição a Darcy Ribeiro. Assim, a historiadora desconsidera o número dedicado a Sérgio Buarque de Holanda.

III

Poderíamos supor que estamos diante de um simples engano, mas o caso é mais intrigante pois há bons motivos para Tania de Luca ter tido tal compreensão.¹ Pois bem, o número publicado em 1986, ainda sob a responsabilidade conjunta do governo do estado e da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, foi o número 5. Por sua vez, o número dedicado a Heitor Vila-Lobos, que viria a ser publicado em 1988, recebeu numeração dupla, 6 e 7, levando a historiadora a considerá-lo, logicamente, como subsequente ao número organizado por Heloisa Buarque de Holanda. Nesta compreensão, o volume dedicado a Sérgio Buarque de Holanda ficou deixado de lado, uma vez que, publicado em 1987, também havia recebido o número 6, além de ser tratado como “especial”.

Não é possível saber ao certo o porquê de o volume dedicado a Vila-Lobos ter recebido dupla numeração, reconsiderando o número 6 e, por assim dizer, colocando no limbo o número dedicado a Sérgio Buarque de Holanda. Esta é uma indagação que ficará em aberto. Apenas parte da resposta diz respeito ao fato de que 1987 foi um ano de transição para a revista. Vale lembrar que, em 1986, foi eleito governador o antibrizolista Wellington Moreira Franco, enquanto a prefeitura municipal continuou nas mãos do PDT. Deste modo, nota Tania de Luca, “não por acaso, o relançamento de 1988 foi patrocinado apenas pelo governo do município” (LUCA, 2011: 340), por meio do RioArte – Fundação Rio.

286

O fato é que o número dedicado a Sérgio Buarque de Holanda também já é editado apenas pela prefeitura, sem a participação da Secretaria da Ciência e Cultura do Estado do Rio de Janeiro. Por outro lado, na apresentação do número, Gerardo Mello Mourão, presidente do RIOARTE, dirige seus “melhores agradecimentos” a Darcy Ribeiro. Portanto, parte do enigma passa a ser desvendado. Darcy Ribeiro já não é o coordenador da revista no momento da publicação do número, na medida em que já deixara o governo do Estado. Contudo, logicamente, considerando o tempo de gestação do projeto, ainda estava a frente do empreendimento no momento da sua concepção. Provavelmente foi o responsável pela convocação de Francisco de Assis Barbosa para organizar o número, para quem, aliás, é dirigido outro agradecimento de Mello Mourão e de quem falaremos com mais vagar adiante.

Ainda outro agradecimento é dirigido a Austregésilo de Athayde, que então contava com quase noventa anos de idade. Pode-se dizer que Austregésilo era a encarnação da linha de continuidade entre as diversas fases da revista e não foi por acaso que, conta Tania de Luca, a permissão para utilizar a chancela *Revista do Brasil* foi obtida por Darcy junto a ele, que fora “importante colaborador na fase de Otávio Tarquínio e que então exercia o cargo de presidente dos *Diários Associados*, grupo proprietário do título” (LUCA, 2011: 339).

Por sua vez, Francisco de Assis Barbosa é o responsável pela organização do número especial e contou com a colaboração de Maria Cristina Jardim Barbosa, sua filha, bem como a de Maria Amélia Buarque de Holanda, viúva do homenageado. Por ora, vale apenas salientar que Barbosa será quem assumirá a coordenação da *Revista do Brasil* a partir do ano seguinte, quando aparecerá o número duplo, 6 e 7, dedicado a Vila-Lobos. Neste sentido, soa mais surpreendente o fato de que o número dedicado a Sérgio Buarque de Holanda não tenha sido computado como parte da coleção da revista, inclusive porque, conforme consta na apresentação de Gerardo Mello Mourão, o número dedicado a Vila-Lobos já estava programado desde então, configurando a continuidade do projeto.

Portanto, de uma perspectiva rigorosamente institucional, no momento da publicação do número dedicado a Sérgio Buarque de Holanda, a revista não possuía um coordenador. É possível supor que, quando, a partir de 1988, assume a coordenação da *Revista do Brasil* – e, sob sua regência, são publicados, até 1990, sete números –, Francisco de Assis Barbosa tenha feito valer esta perspectiva de que o número anterior tenha sido publicado em um momento de transição, em que Darcy Ribeiro já não era o coordenador da revista, mas tampouco ele o era. Assim, em consideração a Darcy, não computou o número 6 como oficial.

Por outro lado, de um ponto de vista mais pessoal, podemos sugerir ainda que Francisco de Assis Barbosa considerou o volume dedicado ao amigo Sérgio Buarque de Holanda como um “numero especial”. Além disso, no texto não assinado da página 4, que pode

ter sido de autoria de Darcy Ribeiro, chama-se a atenção para o fato de que o número marcaria a série que procuraria “revalorizar” figuras que marcaram a cultura brasileira, dando aquele sentido apontado por Tania de Luca de se apontar para um futuro resgatando um passado. E Sérgio Buarque de Holanda seria um autor que cumpriria este papel, tanto do ponto de vista de Francisco de Assis Barbosa como o de Darcy Ribeiro. Enfim, mais do que um volume numerado, era especial.

287

IV

O número da revista foi organizado de maneira discretamente cronológica, uma vez que alinhava no tempo a trajetória de Sérgio Buarque de Holanda – assim, os textos de sua autoria seguem efetivamente uma ordem cronológica – sem que os textos de comentadores seguissem a ordem cronológica de sua produção. Deste modo, por exemplo, na altura da publicação de *Raízes do Brasil* em 1936, o que encontramos são textos que haviam sido publicados em abril de 1978, na revista *Senhor Vogue*, anos antes do número da revista. Neste caso, contamos com um texto de Fernando Henrique Cardoso e outro, um pouco mais extenso, de Bolívar Lamounier. Ambos sociólogos, refletindo sobre em que medida o livro de Sérgio Buarque de Holanda ajudava a compreender o autoritarismo brasileiro e os capítulos ditatoriais da história do país.

Por outro lado, os últimos artigos da revista consistem em escritos redigidos logo após a morte de Sérgio Buarque de Holanda. São necrológios e depoimentos. Neste sentido, se a rigor a cronologia de produção dos textos é retomada, as lembranças dos seus autores remetem, por vezes, aos primeiros anos de Sérgio Buarque de Holanda, e, na economia da revista, acabamos por ser instados a voltar aos seus primeiros artigos. Um exemplo é o depoimento de Gilberto Freyre, escrito em 1982, mas que nos remete à vida boêmia no Rio de Janeiro dos anos 1920, em que Freyre, Prudente de Moraes, neto, e Sérgio Buarque de Holanda,

mais de uma vez amanhecemos, conta Freyre, bebendo chope, em bares tradicionalmente cariocas, ouvindo os para nós brasileiríssimos e como que nossos mestres, além de amigos, de cultura brasileira, Donga, Patrício e Pixinguinha (p.117).

Aliás, certamente não a única, mas uma das virtudes da revista no momento da sua publicação foi o de trazer à tona a produção e a atuação de Sérgio Buarque de Holanda anterior a *Raízes do Brasil*. Deste modo, encontra-se amostras da sua atuação como modernista por meio do artigo do seu amigo Prudente de Moraes, neto, “O lado oposto e outros lados” (pp.8-10), publicado em 1926 em apoio ao artigo que Sérgio Buarque de Holanda publicara no mesmo ano, na *Revista do Brasil* – bela coincidência –, bem como por meio da repercussão deste polêmico artigo de Sérgio Buarque que se faz notar pelo excerto da carta de Mário de Andrade endereçada a Manuel Bandeira (pp.11-14). Do mesmo modo, por meio de uma entrevista realizada com Thomas Mann em Berlim, em 1929, a revista dá conta do correspondente do *Diário Associados* (“Thomas Mann e o Brasil”, pp.15-17), e, ainda, uma faceta surpreendente ainda hoje, é a do ficcionista autor de “A viagem a Nápoles”, conto de feitio surrealista publicado em 1932 (pp.18-26).²

A revista segue o percurso de Sérgio Buarque de Holanda com *Raízes do Brasil* (1936), *Monções* (1945), *Caminhos e Fronteiras* (1957) e *Visão do Paraíso* (1959), sem esquecer sua obra de caráter institucional que foi a criação do Instituto de Estudos Brasileiros na USP, em 1962. Talvez a parte de sua obra que fica mais descoberta seja a organização da *História Geral da Civilização Brasileira*, projeto a frente do qual Sérgio Buarque esteve à frente entre 1960 e 1972 e para o qual redigiu diversos capítulos, além de um volume

inteiro. Sendo mais preciso, esta sua produção fica menos contemplada se nos atermos apenas à cronologia organizadora dos artigos, contudo, os textos finais da revista, constituídos por homenagens póstumas, não deixam de cobrir estes vazios, como, no caso de HGCB, as observações de Francisco Iglésias (p.127) e as de Richard Morse (p.130).

São estas idas e vindas que me fizeram afirmar, no início, que o número da revista seguia uma cronologia, mas apenas de forma discreta. Melhor assim, posto que as diversas fases de um homem se interpenetram e talvez ele não mereça ter sua vida contada de modo linear. E apenas um grande conhecedor da sua trajetória pode contar esta história, com idas e vindas, sem perder o fio da meada. Assim, cabem mais algumas palavras em torno do organizador do número da revista.

Nascido em 1914, Francisco de Assis Barbosa contava com 73 anos e atuava como Diretor do Centro de Estudos Históricos da Fundação Casa de Rui Barbosa. Estava a organizar o volume *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*, que viria a ser publicado dois anos mais tarde pela Editora Rocco, do Rio de Janeiro (BARBOSA, 1989). O livro prosseguiria a revelar um Sérgio Buarque de Holanda pouco conhecido até então, uma vez que trouxe à luz artigos de jornais e revistas da militância modernista do autor, as matérias enviadas durante sua permanência na Alemanha, como correspondente de os Diários Associados entre 1929 e 1930, e ainda dois artigos após o seu retorno, mas anteriores a *Raízes do Brasil*.

Este empreendimento editorial só viria ser rivalizado quase dez anos depois com a publicação, em 1996, pela Companhia das Letras e sob a organização de Antonio Arnoni Prado, dos dois volumes de *O Espírito e a Letra*, contendo toda a produção de crítica literária de Sérgio Buarque de Holanda (PRADO, 1996). Contudo, como o volume organizado por Barbosa contava também com a produção jornalística de Sérgio Buarque, sua relevância só veio ser de fato sombreada com a recente publicação dos *Escritos Coligidos*, publicado em 2012, pela Editora da UNESP (COSTA, 2011).

V

Nos dias de hoje, com exceção da sua correspondência, provavelmente o estudioso de Sérgio Buarque de Holanda conta com o fácil acesso, em forma de livro, à quase totalidade de seus textos. Outros tempos, portanto, do que aquele ano de 1987 em que apareceu o número da Revista do Brasil dedicado a Sérgio Buarque de Holanda. Exatamente naquele momento o interesse pelo historiador e pelos intérpretes do Brasil em geral vinha crescendo e, desde então, é notória a produção sobre o autor, que deixo de nomear para não cometer injustiças e também porque não é objetivo desta apresentação. O que cabe destacar é que este número da *Revista do Brasil* teve, certamente, um papel crucial para que o interesse por Sérgio Buarque desencadeasse em pesquisas cuidadosas, quanto mais não fosse por revelar facetas do autor até então desconhecidas, especialmente o escritor anterior a *Raízes do Brasil*.

Aliás, desde então, a trajetória modernista de Sérgio Buarque de Holanda tornou-se um tema muito visitado e enriquecedor nos estudos sobre o autor. Acredito que o primeiro a abordar esta questão foi Alexandre Eulálio, em sua conferência proferida na inauguração da Biblioteca Sérgio Buarque de Holanda na Universidade de Campinas, em agosto de 1986. A conferência foi publicada pela primeira vez neste número especial da *Revista do Brasil*, constituindo seu texto de encerramento (pp.134-141). Isto demonstra, mais uma vez, o caráter inovador do volume ora republicado.³

Talvez não seja exagero dizer que, passados quase trinta anos, um dos aspectos mais estudados da trajetória de Sérgio Buarque de Holanda é, justamente, a sua militância modernista. Vale citar três exemplos recentes, sem a menor intenção de ser exaustivo e, conseqüentemente, fadado a cometer injustiças. Um dos estudos mais recentes neste sentido é o de Pedro Meira Monteiro, no seu ensaio em torno da correspondência trocada entre Sérgio Buarque de Holanda e Mário de Andrade (MONTEIRO, 2012). Por sua vez, em livro publicado em 2011, João Kennedy Eugenio realiza um estudo sobre as permanências em *Raízes do Brasil* das questões suscitadas durante a militância de Sérgio Buarque no modernismo e até mesmo antes, posto que os primeiros escritos do autor são ainda anteriores à sua aproximação do modernismo (EUGÊNIO, 2011). Vale citar ainda a tese de doutorado de Mariana Thiengo, que justamente chama a atenção para a virada modernista de Sérgio Buarque do ponto de vista da crítica literária e para a sua formação como crítico (THIENGO, 2011).

Talvez a melhor explicação para um número com tantas aberturas para a obra e a vida de Sérgio Buarque de Holanda encontre-se em outra revista, publicada com não muita distância no tempo. Não parece coincidência que Francisco de Assis Barbosa tenha sido o autor de um estudo sobre os anos de formação de Sérgio Buarque de Holanda que, a despeito da riqueza da produção da produção recente, é ainda insuperável. Trata-se de “Verdes anos de Sérgio Buarque de Holanda: ensaio sobre sua formação intelectual até *Raízes do Brasil*”, publicado em *Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra*, revista publicada em 1988, pela Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, por meio de seu Arquivo Público do Estado de São Paulo, e pelo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (BARBOSA, 1988).

O artigo é fruto de um notório conhecimento dos textos e da trajetória de Sérgio Buarque, somada, é possível supor, à amizade e intimidade que manteve com o homenageado. Doze anos mais jovem que Sérgio Buarque, Francisco de Assis Barbosa foi seu amigo ao menos desde de a década de 1940, como é possível notar na cronologia biográfica elaborada por Maria Amélia Buarque de Holanda na década de 1980. Na anotação relativa ao ano de 1942 consta: “Relações de casa, convivência sempre mais chegada com Chico Barbosa e Eunice”,⁴ então esposa do escritor.

VI

Aliás, é de se notar que esta importante cronologia elaborada pela esposa de Sérgio foi elaborada a pedido justamente de Francisco de Assis Barbosa, quando este estava incumbido de preparar a edição venezuelana de *Visão do Paraíso*, que apareceu em Caracas, pela Biblioteca Ayacucho, em 1987, mesmo ano do número da revista de que falamos, com prólogo de Barbosa, Cronologia preparada por Arlinda Rocha Nogueira, com base na que foi preparada por Maria Amélia Buarque de Holanda, e Bibliografia por Rosemarie Erika Horch. O prólogo publicado por Francisco de Assis Barbosa para esta edição, que, salvo engano, nunca foi publicado em português, também é uma pormenorizada trajetória de Sérgio Buarque de Holanda.

Deste modo, a familiaridade explica um pouco o poder de síntese do organizador, fazendo uma seleção de textos que elabora um plano amplo da trajetória e da obra de Sérgio Buarque de Holanda. Mas, sabemos, nenhum panorama é inocente e creio que seja possível dizer que a intenção de Francisco de Assis Barbosa em torno, por exemplo, de *Raízes do Brasil*, foi trazê-lo para o campo democrático, uma vez que o ensaio “Corpo e Alma do Brasil”, publicado originalmente por Sérgio Buarque de Holanda em 1935 e considerado uma espécie de semente do ensaio de ano seguinte, é seguido por

documentos que atestam a participação de Sérgio Buarque de Holanda em movimentos democráticos. Em “Sérgio, o homem político”, apresentado ainda na primeira metade do volume, Francisco de Assis Barbosa organiza a atuação de Sérgio Buarque em três capítulos, com sua participação e assinatura no “Manifesto da Esquerda Democrática”, da Associação Brasileira de Escritores, de 1945; no “Manifesto de fundação do Centro Brasil Democrático”, de 1978; e, por último, no “Manifesto Inicial do Partido dos Trabalhadores”, de 1980.

Por sua vez, os manifestos assinados por Sérgio Buarque de Holanda são sucedidos pelos ensaios de Fernando Henrique Cardoso e de Bolívar Lamounier que tratam de *Raízes do Brasil* como um texto que realiza a anatomia do autoritarismo brasileiro, o que não é pouco se pensarmos que a cordialidade já havia sido lida como uma espécie de substrato cultural que demandava uma solução política autoritária. Não parece ser casual o convite que Sérgio Buarque de Holanda recebera para palestrar na Escola Superior de Guerra, em 1967, ocasião em que o autor se viu instado a observar que a cordialidade não era uma essência imutável do brasileiro.⁵ Na Escola Superior de Guerra, em plena ditadura, Sérgio Buarque de Holanda, como a combater certas leituras do seu livro, é levado a afirmar que, na primeira edição do seu ensaio, tratara

do que julgara típico de certa ‘mentalidade ibérica’, cuja herança preservaríamos, e que nunca deixara naturalizar-se entre povos hispânicos o apreço moderno à atividade utilitária: entre esses povos, como entre os da antiguidade clássica, importaria antes o ócio do que o negócio (HOLANDA, 1967: 4).

Por considerar a afirmação muito determinista, que simplifica mas não esclarece o problema, “mais tarde”, fala Sérgio Buarque, “procurei, de passagem, atenuar a formulação”, passando a argumentar, a partir da edição de 1948,

que se algumas característica assinaladas predominaram com singular constância entre povos ibéricos, não se pensasse que vinham elas de alguma inelutável fatalidade biológica ou, como as estrelas do céu, que pudessem subsistir à margem e à distância dos sucessos de nossa vida presente (HOLANDA, 1967: 4).

É interessante notar que, mais de dez anos mais tarde, no contexto de luta pela abertura democrática, em seu artigo sobre *Raízes do Brasil*, Fernando Henrique Cardoso argumentará que “não estamos, portanto, diante de uma análise de tipo meramente cultural das características herdadas ou recriadas pelos brasileiros” (p.54), seguindo uma linha semelhante do que Sérgio Buarque de Holanda afirmara para os militares. E, como que a conclamar a forças democráticas, o sociólogo finalizava seu artigo afirmando que

a partir de certo limiar, nos ensina o mesmo Sérgio, a concretização das opções deixa de ser questão de talento para ser questão da existência de vontade (e de força, por certo) capaz de articular interesses sociais novos para permitir que nossas raízes, com enxertos de futuro, sofram as mutações necessárias (p.54).

Em uma linha complementar, em artigo também originalmente publicado em 1978, na revista *Senhor Vogue*, Bolívar Lamounier argumenta que entre as interpretações do Brasil que vigoraram nas primeiras décadas da República,

o mais comum [...] era a tese da incompatibilidade de nossas origens ibéricas com qualquer tentativa de ordenação democrática das instituições, quando não a afirmação pura e simples de que somente um modelo autoritário poderia conduzir nossa formação histórica a um desfecho natural e harmônico (p.56).

O livro de Sérgio Buarque se distanciaria deste tipo de interpretação e, na realidade, para o autor, “*Raízes do Brasil* pode ser visto, no essencial, como uma investigação sobre os fatores que dificultam ou estimulam, em nossa estrutura social, o advento de formas de convivência democrática” (p.56).

291

Desse modo, Fernando Henrique Cardoso e Bolívar Lamounier elegem *Raízes do Brasil* como um texto que poderia auxiliar na compreensão de nossas raízes autoritárias, sem que isto fosse visto como uma fatalidade e, conseqüentemente, o livro poderia ser um guia para a reconstrução da democracia no Brasil. Os quase dez anos que separam a republicação dos dois artigos no número da *Revista do Brasil* foram exatamente os anos da abertura lenta e gradual compreendida entre os anos de 1979 e 1985. Poderíamos imaginar que uma das intenções de Francisco de Assis Barbosa ao novamente trazer à luz os artigos de 1978 tenha sido a de chamar a atenção para o papel que *Raízes do Brasil* exerceu entre as forças democráticas contra a ditadura. Com isto, ao mesmo tempo, atualizava este caminho de leitura e sugeria o livro permanesse um instrumento de reflexão sobre nossa democracia, agora, em 1987, em reconstrução, com o pleno funcionamento da Assembleia Nacional Constituinte que, no ano seguinte, viria promulgar a nova Constituição.

Na mesma linha, poucos anos mais tarde, Antonio Candido publicaria “Radicalismos”, colocando *Raízes do Brasil* em uma linhagem de autores que afirmam e defendem uma radical democratização social (CANDIDO, 1990). Quase trinta anos depois, atravessado pela comparação entre a primeira edição e a segunda edição de *Raízes do Brasil*, o tema da relação entre autoritarismo e democracia no Brasil tem sido um dos mais visitados e polêmicos. Cito apenas dois exemplos com o objetivo apenas de chamar a atenção para a riqueza do debate.

Em “O mal-entendido da democracia”, publicado em 2011, Leopoldo Wazbort enfatiza que, na primeira edição de *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda estava bastante próximo de matrizes autoritárias de pensamento, defendendo uma solução para a organização política do país que passaria por um princípio de autoridade fundado no personalismo que marcaria a nossa cultura. Para o autor, apenas posteriormente, em algum momento entre 1936 e 1940, Sérgio Buarque teria reformulado seus valores e posicionamentos políticos, “passando a assumir uma defesa da democracia que marcará sua biografia a partir de então” (WAZBORT, 2011: 57).

Menos preocupado com as diferenças entre as primeiras edições do livro, no ano seguinte, em “As *Raízes do Brasil* e a Democracia”, Brasílio Sallum Junior considera que as tensões da argumentação de Sérgio Buarque de Holanda, que podem levar alguns leitores a julgarem que o autor teria nutrido simpatia por soluções autoritárias, são, em verdade, tributárias da argumentação do autor sobre as complexas relações entre o plano cultural e o plano sociopolítico. Ao pensar esta complexidade, o livro constituiria uma ferramenta para nos ajudar a melhor compreender os obstáculos a serem vencidos para o estabelecimento de uma democracia plena no Brasil (SALLUM, 2012). Uma leitura que, a meu ver, pode ser aproximada da realizada por Fernando Henrique Cardoso e Bolívar Lamounier.⁶

VII

Na impossibilidade de apontar de forma mais abrangente a rica produção dos últimos trinta anos em torno da vida e obra de Sérgio Buarque de Holanda, vale citar o volume de textos organizado por Pedro Meira Monteiro e João Kennedy Eugênio e publicado

em 2008, livro que constitui uma amostra da diversidade de interesses que a obra do historiador tem despertado (MONTEIRO; EUGÊNIO, 2008). Com a publicação dos artigos da produção literária de Sérgio Buarque e com os estudos desenvolvidos desde então, é provável que, quase trinta anos depois, este número da *Revista do Brasil* não provoque tantas surpresas ao leitor, como a mim provocou no início dos anos 1990. Neste sentido a revista perdeu um pouco do seu impacto como repositório de fontes. Por exemplo, a entrevista concedida a Richard Graham, publicada originalmente em inglês, na *Hispanic American Historical Review*, durante muito tempo ficou acessível em português neste número da *Revista do Brasil*, embora tenha sido publicada de forma condensada. Apenas em 2009 ganhou uma nova versão em português, desta vez publicada integralmente.⁷ Logo, neste caso, a melhor fonte de consulta passou a ser o livro organizado por Renato Martins.

Ainda assim, muitos textos, especialmente os que não são de autoria de Sérgio Buarque, mas de comentadores, permanecem sendo mais facilmente acessíveis na revista – em comparação às suas primeiras publicações –, como o interessante diálogo com *Caminhos e Fronteiras* promovido por Manoel Cavalcanti Proença (p.68-75) ou o curto mas rico texto de Maria Yedda Linhares sobre *Visão do Paraíso*, publicado originalmente na *Gazeta Mercantil* em 1977 e onde desdenha da crítica de um arguidor da banca para a cátedra de História da Civilização Brasileira na Faculdade de Filosofia da USP que considerou a tese um “ensaio” (p.79). Isto sem falar nos textos dos necrológios. Neste sentido, já temos aí um primeiro motivo para comemorar esta republicação deste número da *Revista do Brasil*: ele continua sendo um importante repositório de fontes.

No outro caso, sobre o modo pelo qual enquadra a interpretação de *Raízes do Brasil*, a revista tornou-se ela própria um documento para se analisar a recepção de Sérgio Buarque na década de 1980. Neste caso, pode até favorecer estudos que não se mantenham reféns de uma leitura essencialista sobre o caráter autoritário ou democrático do livro de Sérgio Buarque, dando, alternativamente, mais ênfase para suas recepções e releituras em diferentes momentos. Temos então um segundo motivo para enaltecer a iniciativa da volta da circulação da revista. Ela já é, em si, uma nova fonte, um documento.

E, acima de tudo, em que pese todas as publicações dos textos de Sérgio Buarque de Holanda e a extensa produção sobre o autor que enriqueceram as interpretações da sua obra nos últimos anos, este número da *Revista do Brasil*, sem dúvida nenhuma, permanece sendo uma excelente seleção de textos para se conhecer a trajetória de Sérgio Buarque de Holanda desde a sua juventude de militância modernista até sua obra madura de historiador. Este é o terceiro motivo para dar as boas vindas ao retorno deste número da *Revista do Brasil* a um público mais amplo.

Cite este artigo

WEGNER, Robert. Um número especial e esquecido da *Revista do Brasil*. **Revista Estudos Políticos**: a publicação eletrônica semestral do Laboratório de Estudos Hum(e)anos (UFF). Rio de Janeiro, Vol. 6 | N. 1, pp. 272-283, dezembro 2015. Disponível em: <http://revistaestudospoliticos.com/>.

Notas

1. Além disso, não se deve esquecer que, na realidade, o estudo de Tania

de Luca é dedicado ao período compreendido entre os anos de 1916 e 1944, ou seja, às três primeiras fases da revista, não tendo como objeto de pesquisa a quinta fase. Esta fase é tratada no último capítulo do livro de forma pouco detida. Ainda assim, traz informações e reflexões que foram cruciais para a confecção do presente texto e, como procuro demonstrar, a ausência na sua pesquisa do número dedicado a Sérgio Buarque de Holanda não é explicada pelo descuido.

293

2. Acompanhado de um belo ensaio, este conto ganhou uma nova publicação por iniciativa de HARDMAN (1998). Posteriormente o conto voltaria a ser publicado em (MONTEIRO; EUGÊNIO, 2008).

3. Posteriormente, o texto foi republicado em algumas edições de *Raízes do Brasil*. (EULÁLIO, 1992: XXV-XXXVII).

4. Disponível em http://www.siarq.unicamp.br/sbh/biografia_14.html

5. É de se notar que o famoso prefácio de Antonio Candido a *Raízes do Brasil* foi publicado pela primeira vez no mesmo ano de 1967.

6. Um terceiro texto em torno da mesma discussão é FELDMAN (2013).

7. "Todo historiador precisa ser um bom escritor", por Richard Graham, publicada originalmente na *Hispanic American Historical Review*, em fevereiro de 1982. In (HOLANDA, 2009: 192-211).

Referências bibliográficas

BARBOSA, Francisco de Assis. *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Rio de Janeiro, Rocco, 1989.

BARBOSA, Francisco de Assis. Verdes anos de Sérgio Buarque de Holanda: ensaio sobre sua formação intelectual até *Raízes do Brasil*. In *Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura – Arquivo do Estado; Universidade de São Paulo – Instituto de Estudos Brasileiros, 1988.

CANDIDO, Antonio. Radicalismos. *Estudos Avançados*, 4(8), pp.4-18, 1990.

COSTA, Marcos (Org.). *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos – 1920-1979*. (2 volumes) São Paulo: Editora Unesp; Fundação Perseu Abramo, 2011.

EUGÊNIO, João Kennedy. *Ritmo espontâneo: organicismo em Raízes do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda*. Teresina: Editora da UFPI, 2011.

EULÁLIO, Alexandre. Sérgio Buarque de Holanda, escritor. In Sérgio Buarque de Holanda. *Raízes do Brasil*. 24 ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1992. pp.XXV-XXXVII.

FELDMAN, Luiz. *Um clássico por amadurecimento: raízes do Brasil*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 28, p. 119-140, 2013.

HARDMAN, Francisco Foot. *Duas viagens a Nápoles*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1998.

HOLANDA, Sérgio Buarque de Holanda. Organização Renato Martins.

Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.

294

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Elementos básicos da nacionalidade*. Rio de Janeiro: Estado-Maior das Forças Armadas, 1967.

LUCA, Tania Regina de. *Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p.7.

MONTEIRO, Pedro Meira e EUGÊNIO, João Kennedy (Orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MONTEIRO, Pedro Meira e EUGÊNIO, João Kennedy (Orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MONTEIRO, Pedro Meira. "Coisas sutis, ergo profundas": o diálogo entre Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda. In *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: correspondência*. São Paulo: Companhia das Letras; Instituto de Estudos Brasileiros; Edusp, 2012.

MOURÃO, Gerardo Mello. "Darcy Ribeiro". *Folha de S.Paulo*, sessão Opinião, São Paulo, 20 de fevereiro de 1997. Em http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz200209.htm#=_ (acesso em 29 de agosto de 2015).

PRADO, Antonio Arnoni (Org.). *O Espírito e a Letra: estudos de crítica literária - 1920-1959*. (2 volumes) São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SALLUM Jr., Brasílio. As Raízes do Brasil e a Democracia. *Sinais Sociais*, v. 7, n.19, pp.40-59, 2012.

THIENGO, Mariana. *A crítica entre a literatura e a história: o percurso da crítica literária de Sérgio Buarque de Holanda dos verdes anos à profissionalização do ofício*. Tese de Doutorado em Estudos Literários, Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

WAIZBORT, Leopoldo. O mal-entendido da democracia: Sérgio Buarque de Hollanda, *Raízes do Brasil*, 1936. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 26, 2011.